

---

## 8. APÊNDICES

### **Apêndice 1. Entrevista com Valéria London, Rio de Janeiro, 07 de junho de 2017, às 10h. Duração de 1h**

EC O que eu tenho para perguntar, é lá do período, é mais ou menos do começo da Apdins, antes inclusive da Apdins, quando era ABDI-RJ...

VL Ah, isso tudo eu lembro.

EC Meu mestrado é da história dos CM, né. Como que eles se formaram. Eu não me interessou em ver se tinha que ter matéria estética, matéria de sei lá o que... É mais a constituição política, de como que aconteceu o currículo.

VL Entendi. Isso tudo bem, isso não tem problema.

EC E aí, eu... a gente encontrou alguns documentos, estamos conseguindo reconstituir uma boa parte. O Marcos é meu orientador, né... E... Só que tem alguns buracos assim que a gente não conseguiu entender como que aconteceu o andamento. E você como era uma pessoa muito importante, a senhora lá naquele período na fundação, na presidência da Apdins e tudo mais, acho que vivenciou isso muito profundamente...

EC Uma coisa que chamou a atenção para a gente é que o CM era pauta já da AB-DI-RJ desde o começo. Aqui, em uma das reuniões de criação da ABDI-RJ, o grupo de ensino, o primeiro item é o currículo mínimo. Por que pra vocês era tão importante tratar desse assunto do currículo, como uma associação profissional?

VL Porque... é... a gente estava sendo assessorado por um advogado, é... Dr. Clóvis Ramallete, e que depois nos indicou um outro advogado também... E a gente foi conver-

sando com muita gente, e como a ideia era que a Apdins-RJ fosse se transformar ABDI-RJ foi só um passo, quer dizer. A ABDI, né? Quer dizer, a ABDI era de São Paulo, a sede era de São Paulo. A ABDI-RJ foi uma espécie de “revolta” do Rio de Janeiro. Porque... Ela era toda formada de paulistas, E eles diziam que era uma associação nacional. Então como a gente tava se organizando, se reunindo mais de cem pessoas na ESDI semanalmente, para discutir o que que era design, conceituar design, entender o que que era a profissão, entender a relação da escola com o mercado, entender o ensino. E entender a regulamentação profissional, e entender pra que que servia uma associação profissional, que que a gente queria com aquela associação... Então a gente viu que a gente não queria ser a ABDI. A ABDI era uma associação, é... de caráter de... de difusão cultural da profissão. É... E isso não nos interessava. Mas houve nessa época uma eleição, e como o Rio de Janeiro estava nessa época com essa força toda, tava com a pujança política, né?, no sentido de criar uma associação, a ABDI-SP resolveu tentar contemporizar, e... foram eleitos três representantes do Rio de Janeiro, tá?, pra fazer parte da ABDI-SP. Esses representantes foram o Nelson Medina, o Zé Carlos Conceição, e eu. Paralelamente aos conflitos todos com os paulistas, porque não tinha uma reunião que não tivesse um conflito, o ponto de vista deles continuava sendo aquele de difundir, de fazer exposição, de chamar empresário pra ver e tal não sei o que... Mas era uma coisa de uma patotinha muito pequenininha... Muito pequenininha... E a gente o tempo todo forçando a mão na criação de uma entidade pré-sindical. A gente entendia que a Apdins deveria ser uma entidade pré-sindical, Que uma entidade de caráter cultural já existia, e não satisfazia as necessidades da categoria profissional, e aí nós fomos aconselhados por esses advogados a partir para uma entidade pré-sindical. Nunca chegou a ser. Mas a ideia era essa, o registro era esse, tá? Tanto era que a Apdins num era pra ser Apdins, era pra ser APDI, ela virou Apdins porque “Associação Profissional dos Desenhistas Industriais de Nível Superior do Rio de Janeiro”, porque senão desenhista industrial parecia desenhista técnico. Eles usavam as vezes a mesma terminologia, tá? Então para diferenciar de desenhista técnico, a gente dizia que era desenhista industrial de nível superior, porque fazia uma faculdade.

Bom... a gente formou grupos de trabalho. Então essa assembleia grande se reunia de vez em quando lá na Esdi, e a gente formou grupos de trabalho. Então esses grupos de trabalho eram “Profissão”, “Estatutos e Processos de Regionalização” isso daqui foi na época da ABDI, tá? e “Ensino”. O... Você tem alguma coisa da Apdins aí?

EC Tenho depois... Acho que não é o documento de fundação, mas... É... O que foi feito depois para o Seminário de Ensino de 1978.

(...)

VL Bom... Aí dividiu-se. Quando dividiu-se, tá? Quer dizer, esses mesmos grupos

eram os grupos que a gente tava tendo aqui no Rio pela Apdins também. Então era: 1. como é o nome dessa profissão? Que profissão é essa? Escola Superior de Desenho Industrial, mas desenho industrial parecia desenho técnico, as pessoas não entendiam o que que era, perguntavam se era desenho de produto, entendeu? Era uma confusão só. Então houve toda uma conceituação. Nessa conceituação o Joaquim Redig teve um papel bastante interessante... Ele lançou um livro na época, que resumia esse pensamento do grupo... E a gente acabou chegando à conclusão que não podia se chamar de desenhista industrial, porque causava mais confusão do que menos confusão. Então a gente passou a se chamar de designer. Aí era: designer. Designer de que? Designer de produto, designer gráfico, designer de programação visual, designer de comunicação visual, design... Era uma confusão danada, e isso levou meses sendo discutido, né? Nós fomos buscar nos outros... nos outros países como é que as pessoas chamavam, era graphic design, product design. Em espanhol era diseño, O diseño a gente achava que não era legal porque aí já misturava com desenho de novo, né? Então foi uma longuíssima discussão pra gente chegar a “design”, e... Quando a gente terminou esse trabalho, a gente partiu para design gráfico, e design de produto. Essas duas classificações. Tecnologia ainda nem existia.

EC Isso alí ainda no comecinho da Apdins, né?

VL Isso bem no comecinho... Isso aqui deve ser 76...? (apontando para o documento da ABDI-RJ). A Apdins surgiu em 1979, num é isso?

EC Acho que foi 1978... Comecinho de 1978...

VL Tá. 1978... Tá. 1979/80 já foi a ALADI, aí já foi a Associação Latinoamericana... Bom. Aí a gente então tinha essas... tinha essas três linhas de... de trabalho, e o que aconteceu foi o seguinte. Em conversas com pessoas ligadas ao Ministério da Educação e Cultural - na época era o MEC a gente chegou à conclusão que sequer os nossos cursos eram regulamentados! Então os nossos cursos eles faziam partes de outros cursos. Na EBA aqui da UFRJ eles faziam parte da EBA, da Escola de Belas Artes... Em São Paulo eles faziam parte da Arquitetura... Não sei aonde faziam parte de não sei o quê, mas nunca era um curso DE desenho industrial. Aí nós começamos a investigar o que que precisava para ser um curso DE desenho industrial. De design, ou de desenho industrial, ou o nome que fosse, mas que fosse um curso com as características que a gente achava na época que precisava. Foi por isso que começou a discussão do Currículo Mínimo, entendeu? Então essa discussão do CM começou da seguinte forma. Primeiro nós, grupo de trabalho, Então nesse grupo de trabalho faziam parte as pessoas que faziam parte de universidades, de faculdades, que davam aula, e mais as pessoas que eram mais ligadas às cabeças, às diretorias das associações profissionais. Então essa discussão tava indo toda em paralelo, De repente o MEC chama uma comissão, forma uma comissão. E o MEC forma uma comi-

são que tem exatamente essa conformação, Que era... Presidentes de associações profissionais, tá? ou seus representantes, e diretores das escolas de design, desenho industrial etc. Aquela coisa inespecífica. Mas que tinham seus diretores etc. Então a gente ia pra Brasília, se não me engano era o período de uma vez por mês...

EC Essa foi a comissão que...

VL Essa foi a comissão que foi formada pelo MEC...

EC Lá naquele Seminário na FAU USP em 78? Que teve esse seminário aqui...

VL Não...

EC A Apdins até escreveu um documento... “Esse documento encaminhado pela apdins... visa fornecer... para... hm” (lendo um documento). Que no dia 22 a 23 de setembro de 78, teve um Seminário Ensino e Desenho Industrial lá na FAU, que aí saiu uma comissão lá de fato, que está incluído você, o... Acho que tenho a lista aqui. Ah, aqui a lista. Era o Ari Rocha, Sérgio Casanova, Valéria London, José Abramovitz, João Bezerra, Freddy Van Camp, Gustavo Bomfim, Luiz Blank, José Carlos Bornancini, e o Olício Pelosi. Eram esses.

VL Era isso mesmo.

EC Ah, tá.

VL Era cada um desses representando ou uma instituição, ou uma instituição de ensino, ou uma associação profissional.

(...)

VL A gente quando falava de tecnologias muito complexas, falava de tecnologias importadas. A gente ainda não falava de tecnologia digital, que isso ainda nem existia, né? Você vê que era tudo batidinho a máquina.

EC Uhum! (...)

VL Esse documento... Esse é outro? De 1978... Não foi na FAU. Não foi na FAU. Isso foi, ó... Houve um encontro... feito pela ABDI em 1976. Este encontro foi o que reuniu todo mundo, e acabou formando essas dissidências, digamos.

EC O Design 76, né?

VL Design 76. Foi aí que estas coisas aconteceram. Não foi na FAU não.

EC É que se não me engano, esse daí foi... Ontem eu tava lá na Esdi fuçando lá nos documentos, e tinha uma fala do Freddy, revoltado com esse evento, porque era um evento organizado pela ABENGE... Organizado pela ABENGE e nas dependências da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Então ele tava revoltado, porque como que um evento se propõe a discutir o ensino de desenho industrial, e acontece por uma associação de engenharia, e numa faculdade de arquitetura. E ele estava com... sobre isso, e ele encaminhou essa carta para a Carmem no caso.

VL Entendi.. É. Mas isto aqui saiu de documentos nossos aqui...

EC Eu tinha entendido que ele foi um insumo para aquele evento. A Apdins trabalhou para alguma coisa praquele evento.

VL Não, a Apdins trabalhou para ela mesma. Neste meio tempo nós tivemos inúmeros confrontos com a ABENGE, com a ASBEA que era Associação de Engenheiros e Arquitetos com o CREA. Houve uma reunião na FAU aqui no Rio de Janeiro, tá? Essa reunião aqui na FAU no Rio de Janeiro, eu fui representando a Apdins, e... Eles queriam incluir uma matéria chamada Desenho Industrial, tá, com caráter formativo. Ou seja, a pessoa que fizesse o curso de qualquer curso de arquitetura, e que fizesse essa matéria, sairia desenhista industrial, entendeu? Aí eu fui lá, aí me posicionei absolutamente contra... Expliquei porquê, que não era uma questão de ser contra os arquitetos, nem contra a arquitetura, mas a favor do design. E que isso só traria mais confusão em vez de equacionar o mercado de trabalho, traria mais confusão na cabeça do mercado, que não delimitaria exatamente quem é um profissional, até onde vai uma profissão e até onde começa a outra; que havia uma distorção no mercado quando contratavam arquitetos pra fazer design, porque não haviam os designers ainda... Não era uma profissão conhecida, etc etc etc. Bom, conclusão, essa assembléia eu saí sob palmas dos alunos, e sob cara feia da mesa toda. Entendeu? Então todos os alunos entenderam perfeitamente, quer dizer. A platéia inteira entendeu perfeitamente. E a mesa, que era essa mesa diretora CREA, ESBEA, AEA, todos os EAS Engenharia e Arquitetura ficaram de cara feia. Até hoje, eu acho que nossa regulamentação não sai por lobby deles. Até hoje. Eles fazem esse lobby. Nesta época aqui foi gerado o primeiro primeiro ENDI, foi gerado o primeiro documento de regulamentação profissional. E foi gerado o de ensino também. E foi gerado mais um chamado Design e Sociedade. Então... É... Bom, enfim. Isso aconteceu, foi gerado no 1º ENDI, depois no 2º ENDI foi amadurecido, eu não me lembro exatamente em que ano essa comissão foi criada, essa no MEC.

EC Foi em 78, trabalhou até 79 pro 1º ENDI.

VL Então, na realidade, isso daqui foi aprovada no 1º ENDI, não é isso?

EC É.

VL E isso que foi pra Brasília, né?

EC Isso. Como que foram as reuniões desse grupo?

VL Lá em Brasília?

EC Isso, é.

VL Eram essas pessoas, cerca de 15 pessoas mais ou menos, né? O MEC mandava passagem pra gente, mandava uma estadia pra gente, reconhecia a necessidade, quer dizer, na época o que aconteceu foi feita uma política junto ao MEC quer dizer, já que a gente não era regulamentado, que pelo menos os cursos fossem reconhecidos como oficiais,

porque não eram, entendeu? Então na medida que o MEC reconhecia os cursos como oficiais, a gente andava uma distância enorme a ponto de hoje você ter Escolas de Design. De Arquitetura, de Belas Artes, de Engenharia... Tudo muito separado. Em alguns lugares você ainda faz uma confusão, é... digamos... desejavelmente política, tá? Pra que se mantenha ainda um feudo sobre um grupo maior do que os dos arquitetos, digamos assim, que vão se formar por ali. Então... Mas isso era meio caminho andado para a regulamentação, entendeu? Então esse era o caminho da oficialização, da institucionalização da profissão, e foi o primeiro. Então no MEC a gente ia, a gente ficava em reunião dois dias inteiros. Cada um trazia das suas bases isso era legal! Que nessa época tinha um funcionamento democrático dessas instituições. Então quem era de faculdade, ia pra faculdade, discutia, trazia subsídios. Quem era de entidade fazia a mesma coisa. Quem era de associação fazia a mesma coisa, né? E a gente ia juntando esse material. Então... Na realidade, pode não ser o currículo mas brilhante do mundo, certamente 1978 pra 2018-quase, né? São... quantos anos?

EC 30... 40...

VL Quase quarenta anos... E a gente não conseguiu regulamentar a profissão...! Já foram feitos cinco ou seis ante-projetos... O primeiro saiu do 1º ENDI, né? E... Basicamente é o mesmo, tem muita pouca diferença pros de hoje, né? E até hoje a gente não conseguiu. Boiadeiro é regulamentado, sorveteiro é regulamentado, pipoqueiro é regulamentado, cabeleireiro é regulamentado... Todo mundo é regulamentado, e a gente não é. Então esse é um caminho de institucionalização, e que se conseguiu! Então pelo menos todas as faculdades passaram a falar a mesma língua. Ou pelo menos parecida... Também dependia do subjetivo que cada um entendia da ementa, né? Mas de qualquer maneira havia uma base para que todo mundo falasse a mesma língua.

EC Legal. Esse daqui é um documento que eu encontrei, que o prof. Braga ele me deu, que era justamente do pessoal do Rio de Janeiro, da própria Apdins, pra essas reuniões em Brasília.

Eu... eu entrevistei na segunda-feira o Luiz Blank que aliás ele te mandou um abraço. Eu entrevistei ele, e ele não se lembra de ir pra essas reuniões em Brasília. Porque, diz ele, que já estava muito... é, envolvido com as coisas do NDI... Então ele já estava meio... Ele foi incluído nesse grupo, mas ele já estava meio de saída. Isso era com todos os membros do grupo? O Rio de Janeiro se reunia com um grupo, e só uma pessoa ia representar em Brasília? Ou não?

VL Não, só uma pessoa não. Dessas tantas aqui... Empresta aqui que eu vou fazer um pontinho em quem era... Ah, já está aqui, ó: Natal... São Paulo. Esse Sérgio Oliveira Casanova era, na época, o presidente da ABDI, tá? A Valéria Rio de Janeiro, Zé Abramo-

vitz Rio de Janeiro, João Bezerra Rio de Janeiro, Freddy Van Camp Rio de Janeiro, Gustavo Bomfim estava em Campina Grande, Luiz Blank era Rio de Janeiro FAU USP? Ah, ele estava dando aula na FAU USP, mas ele era do MIC.

EC Ele estava dando aula na Pós.

VL Zé Carlos Bornancini Rio Grande do Sul, e o Olício Pelosi que era de Bauru. Então era.. era... entidades, escolas, Associações... O máximo possível que a gente tinha na época. Tentava ser o mais democrático possível, cada um votando para suas bases, e discutindo esperava-se isso. E cada um voltando para suas bases e discutindo, e trazendo de volta a... os retornos. "Conclusões do 1º encontro de desenho industrial, 1º ENDI"...

EC Eu imagino que essas reuniões não eram muito...

VL Estafantes.

EC ...harmônicas, assim... Deviam ter muitas visões diferentes. Você se lembra de alguma discordância, ou algum ponto muito polêmico?

VL Ah, claro que tinha, claro que tinha! A ABDI vinha de uma dissidência histórica com o resto do grupo todo... Né? Mas na medida em que tinha mudado o presidente, ele estava se prontificando a ser mais... né... aberto. Tanto que a gente convidou a ABDI pra participar do 1º ENDI. Ele participou da mesa com a gente. A mesa do 1º ENDI era eu, do Rio de Janeiro, o Peixe por Pernambuco que já tinha a Apdins-PE nessa época. E o Sergio Akamatu, pela ABDI. Então eram as três entidades que existiam. E as três fizeram parte da mesa diretora do 1º ENDI.

EC Legal...

VL A gente era muito brigão, mas a gente era muito democrático. Entendeu? Então a gente brigava muito pelos nossos pontos de vista, até porque você pode imaginar o que não foi essa discussão.

EC Eu imagino...

VL E pra você ter uma ideia, tinha umas coisas assim muito curiosas, que aconteceram no 1º ENDI. A gente fez na UERJ, né? Aí estávamos votando, todos os documentos, item por item... Com a plenária, com auditório... Com pessoas que as vezes não tinham a menor ideia do que estavam falando, né? Mas era a única forma que você tinha democrática de submeter a um evento que todo mundo participou... Aí tudo bem, vamos indo e tal, e de repente acaba luz da UERJ! Acaba a luz do auditório!

EC Eita!

VL Aí os caras lá da UERJ trazem umas tochas, botam dentro do... Foi assim uma coisa emocionante! Botam dentro do auditório, e a gente continua a votação até o último item, sob luz de tocha. Eu fico até arrepiada! Porque foi realmente assim... até o final, ninguém levantou, ninguém foi embora!

EC Impressionante!

VL Foi uma coisa assim... Esse momento foi um momento... que eu não me arrependo nem um pouquinho de ter vivido, pelo contrário. Tenho assim a maior honra de ter participado desse processo.

EC Isso é uma coisa curiosa, porque já tinha tido um simpósio nacional, que tinha sido o Design 76, mas das pessoas que eu falo, parece que o 1º ENDI foi muito mais forte. É... por que que seria isso?

VL Porque a Design76 era ABDI! Era aquela coisa... uma sopa, entendeu, de letrinhas... Uma “vamos promover o design...!”, “vamos fazer exposições!”, “vamos falar pra todo mundo o que que era o design!”, “vamos divulgar a revista... projeto e num-se-o-que”

EC ...e linguagem.

VL O que?

EC Produto e Linguagem!

VL Produto e Linguagem! “Vamos...”.. Nada acontecia de novo alí! Mas ao mesmo tempo... como nada acontecia de novo e tava todo mundo formigando... O Design76 propiciou que as pessoas se juntassem, se juntassem por similaridades, né? Conjuntos de similares, e esses conjuntos de similares saíram pra... tendeu? pra formar aquilo que elas achavam que deviam. Entendeu? Então quando a gente foi buscar aconselhamento jurídico e tudo, é... o próprio Dr. Clóvis Ramallete disse pra gente: “Não, vocês não fazer outra ABDI! Não faz o menor sentido! Vocês tem que fazer uma associação pré-

-sindical mesmo! Vocês tem que partir pra regulamentação profissional, pré-sindical, num-sei-o-que, péréé, pipipi...” E depois foi evoluindo essa questão do ensino, foi entrando também esse acordo com o MEC no sentido de abraçar... Quer dizer, o MEC tinha pessoas com cabeça mais avançada, né? No sentido de fazer avançar a questão da caracterização das escolas, né? com a criação de um currículo mínimo, e foi uma vitória enorme. Enorme. Na época foi uma vitória enorme. Hoje você ve as pessoas falando “ah, esse currículo é uma porcaria! num-sei-o-que, tal!”. TUDO 40 anos depois é uma porcaria. Tudo 40 anos depois, principalmente na época desses 40 anos que nós vivemos, é absolutamente anacrônico. Completamente anacrônico, né? Imagina, depois disso veio uma revolução digital! Entendeu? Quer dizer, olha o fosso que separa uma coisa da outra... Né? Então... Hoje em dia você faz alguns cursos online de design, né? É... Enfim. As coisas mudaram muito. Completamente. Apesar de que... quando você olha assim as matérias... (folhando a proposta de CM do 1º ENDI), nem parece muito estranho, né, parece até que foi pensado recentemente, não parece muito defasado não... As pessoas que estavam alí eram as pessoas que tinham ou alguma prática profissional já a muito tempo,

ou uma prática acadêmica a algum tempo, né? Ou essa prática política de conseguiu costurar essas coisas, entendeu? Então não era um grupo ruim, era um grupo bom, era um grupo bem apetrechado do ponto de vista da massa cinzenta, entendeu? Então... não...

EC Tem um nome que eu vejo bastante recorrente nas cartas quando elas são aderçadas para o MEC nesse período, que se não me engano é Ruy... Ruy Camargo, era isso? Ruy Pimenta, agora não tenho certeza... (inaudível) queria ver se você se lembrava dele.  
(...)

VL Então devia ser nosso contato lá do MEC, que não lembro o nome... A pessoa que coordenava. Tinha um coordenador do MEC pra esse grupo de trabalho. Era um grupo de trabalho do MEC, entendeu? Não era independente que se reunia no MEC. Era um grupo patrocinado pelo MEC, e era um grupo de trabalho do MEC, pra esse segmento das escolas.

EC Tá... É, não vou conseguir encontrar o nome dele agora, mas pode ser que seja mesmo, porque está sempre relacionado com...

VL Se você quiser depois me perguntar, ou mandar e-mail e tal... a gente... aí pode ser que eu me lembre.

EC Até quando que você esteve envolvida com essas questões do ensino da apdins... Logo depois que acabou o 1º ENDI continuou alguma coisa? Porque de fato esse currículo só foi aprovado pelo MEC e entrou em vigor em 1987. Durante esse período pós-1º ENDI até 87, você estava envolvida também...?

VL Guilherme Della Penha, Secretário de Ensino Superior. Dr. GUilherme Della Penha... se não me engano, o coordenador do grupo.

EC Ah, é?

VL É... tá encabeçando o nome da carta, que a gente mandava. Não tenho certeza, mas claramente ele é uma pessoa do MEC. Agora, se ele era o coordenador do grupo, acho que ele era. Eu fiquei envolvida com isso quinze anos da minha vida, tá? Eu fiquei envolvida com a associação profissional... com todos esses aspectos da associação profissional durante uns 15 anos. Primeiro com a Apdins, depois quer dizer, fui presidente fundadora, depois fui presidente de novo, depois fiquei fazendo parte de conselho consultivo que era pra... ir tocando a coisa pra frente. Era muito difícil trazer as pessoas pra trabalhar. Todo mundo concordava ideologicamente, teoricamente, conceitualmente, mas trazer pra trabalhar... Fazer substituição de chapa quando precisava eleger chapa nova, era a coisa mais difícil do mundo! Ninguém queria a responsabilidade. Era bem complicado. Então a gente ficava normalmente pelo conselho consultivo, que era pra dando pelo menos continuidade das discussões da direção passada pra nova, pra ir passando alguma coisa... Até que chegou um ponto que... que aí se formaram outras chapas e tal, e... Mas sempre de

uma forma mais ou menos harmoniosa, às vezes não tanto, as vezes quase sempre sim... E... Depois o que aconteceu também foi que eu me dividi, porque eu fiquei sendo da Apdins e num determinado momento eu fui presidente da Associação Latino Americana... Entendeu? E isso... uma coisa deu continuidade a outra, durante um certo tempo eu fiquei com as duas, inclusive porque na América Latina eu representava o Brasil. Eu e mais outras pessoas. Joaquim Redig, Hélio Grossman, Denise Edelman (?), um monte de gente. Teve um congresso da ALADI, que foi em Cuba, que a gente levou 50 pessoas... Então foi uma coisa assim bastante representativa, Brasil invadindo Cuba.

(...)

VL Foi muita gente, foi muita gente.. Foi muito bom. Essa época dos eventos, dos congressos... foi uma coisa muito boa, e muito legal. Só que depois, é... Você também se cansa, né? de carregar o piano. Ficar carregando aquele pianão assim, e as pessoas... até que a Apdins morreu. Morreu por falta de gente pra continuar o trabalho. Porque ninguém se interessava, ou foi mal divulgado... sei lá. Porque sempre a gente conseguia no final das contas juntar meia dúzia de pessoas que formavam uma chapa e davam continuidade. Nunca houve duas chapas disputando. Nunca. Pra você ver como que era o interesse da classe. E eu acho que a não-regulamentação tem duas razões fortes. Uma é o lobby engenheiros-arquitetos e o resto da sociedade que não querem dividir mercado, e outra é o mais profundo descaso e desinteresse dos designers pelas suas próprias questões. Né? Eu acho inclusive uma incompreensão dos designers pelo momento que a gente vive hoje, porque eu acho que, por exemplo, que da década de 80 pra cá, o design deu um pulo... Deu um pulo grande. Deu um pulo de institucionalização no mercado, né? Então.. os profissionais passaram a ficar pra você ver, com esse currículo mínimo, passaram a sair muito mais habilitados. Passaram a aprofundar os seus nichos de conhecimento. Passaram a, além de ter umaquela coisa do conhecimento horizontal, passaram a fazer um mergulho vertical, que dava uma expertise muito maior às pessoas, quer dizer.. As pessoas passaram a compreender melhor essa relação com o mercado, né?, e passaram a compreender melhor o que que o design podia fazer. No que que o design podia colaborar, né? O designer-função social, o design e a produção industrial, o designer e a relação custo-benefício dos produtos... Em que que o design podia colaborar. E era tanta coisa...! E aí o que acabou acontecendo que foi mais ou menos por volta dessa década de 1980, que começam a sair muitos profissionais que formam seus escritórios! Tá? Da minha turma, por exemplo, da ESDI, praticamente todo mundo fez um escritório, entendeu?

EC Que coisa!

VL E aconteceu também um processo muito curioso. Antes disso todo mundo se encontrava em todas as concorrências. Porque o mercado era desse tamanho. Então fosse

produto, fosse gráfico, fosse sei-la-o-quê, estavam lá sempre as mesmas vinte pessoas, participando das mesmas concorrências. Daqui a pouco começou a acontecer um processo muito curioso. Que os nichos começaram a se caracterizar, e você já não encontrava mais todo mundo. Você encontrava as pessoas que escolheram aquele nicho. Entendeu? Então, é... é interessante porque foi fazendo com que as especialidades aparecessem, e as competências aparecem, entendeu? Porque todo mundo passou a mergulhar mais fundo, claro. Se eu escolhi esse nicho, e meu cliente tá ali, tem uma fábrica, tem uma responsabilidade, então... as coisas passaram a ser mais sérias. Passaram a ser tão mais sérias que, a partir mais ou menos da década de 90, as empresas de médio porte pra cima não deixavam de ter no seu organograma de projetos o design.

EC Legal.

VL Entendeu? Da mesma forma que fazia parte lá o engenheiro, o arquiteto, o luminotécnico, o paisagista... enfim, fosse quem fosse, design. Então houve uma mudança qualitativa enorme. Enorme. O mercado de hoje não tem nada a ver com o mercado de antes, de 80. Zero. As pessoas sabem quem são os designers, e quando digo as pessoas, é a sociedade mesmo. Sabem quem são os designers de cada especialidade. Sabem o que cada um faz. Procura porque gosta mais do que um gosta do que outro gosta. Claro que existe uma política de preços de mercado apertada, etc etc etc. Mas, é... De um tempo pra cá o design passou a ser mais midiático. Quer dizer, ele passa a ter uma reputação no mercado que não tinha. Todo mundo passa a saber o que é design. E... enfim, várias coisas foram acontecendo pra isso. E em paralelo.

EC Hmm...

VL Eu sei que o currículo mínimo teve aí um papel muito importante. bastante importante. Não só porque o governo federal recebia uma comissão de designers... Era a primeira vez que isso acontecia, entendeu? Uma comissão do Brasil inteiro! Formada por pessoas de diversas naturezas, Então... Isso era de uma importância política visceral.

EC Acho que a única coisa, como você é a primeira pessoa que se lembra bem dessas reuniões do MEC (...), se pudesse detalhar um pouquinho mais, como que foi assim... Se constituiu esse grupo, mais ou menos quantas reuniões foram feitas? Um chute assim...

VL Hmm... Uma meia dúzia...? Entre seis e dez, alguma coisa por aí.

EC E eu encontrei também alguns documentos, que eram de algumas escolas falando ou dando parecer, enfim, comentando sobre propostas de currículo. Você comentou que ficavam lá dois dias inteiros discutindo aquele assunto-

VL E cada um voltava pras suas bases.

EC ...e aí averiguava o que que o resto achava, e trazia de volta.

VL Exatamente. Então foi um processo interessante, foi um processo legal. Aliás o

que marcou muito essa vida da Apdins, pelo menos durante um longo tempo, foi essa questão da democracia interna, sabe? De discutir, de trazer... Quem ia ao ENDI, trazia as notícias, quem não ia ficava sabendo, opinava, faziam-se documentos do próprio local em relação a essas coisas. ALADI a mesma coisa, a gente ia pros congressos da ALADI... Primeiro que eram eleitos delegados, então a gente tinha delegados pra ALADI, por exemplo. E os delegados eram porta-vozes do que a gente levava daqui. Então a gente fazia reunião aqui pra levar pra lá, entendeu? E depois trazia de volta os resultados. Então era uma coisa interessante, porque funcionava... bastante bem. Agora, não eram muitas as pessoas que se envolviam, entendeu?

EC É, isso não costuma...

VL Não eram muitas pessoas. Apesar de quê, eu tenho a impressão que se a gente pegar o livro do Braga, e dar uma contada nos nomes das pessoas que passaram por ali, deve ter um bocado de gente.

EC É, se os próprios encontros pós-design 76, você disse que tinham 100 pessoas lá na esdi é um bocadinho, né?

VL Semanal!

EC Semanal! É um bocado...

VL E os grupos iam se reunir nas casas da gente, entendeu? Então tinha o grupo de ensino ia pra uma casa, o de profissão ia pra outra, o grupo de design e sociedade ia pra outra... Aí depois na outra semana juntava e tinha um relator, relatava tudo que tinha acontecido na reunião, entendeu. Era realmente muito bem feitinho, sabe? Era uma coisa... É, um processo bem respeitável, sabe? Não tinha... Tinha brigas, tinha discordâncias, claro que tinha! Mas era um processo assim, muito unido. Todo mundo sentindo muita necessidade daquilo. Todo mundo se agarrando muito naquelas conceituações todas. Se nem nome a gente tinha...! O nome saiu daí... O currículo saiu daí, o nome saiu daí... Tudo que até hoje existe saiu daí.

## Apêndice 2. Entrevista com Rita Maria de Souza Couto, Rio de Janeiro, 06 de junho de 2017, às 14h. Duração de 40min

RC Sim, senhor, em que eu posso ser útil?

EC A minha pesquisa, a gente está tentando... A pesquisa inicialmente era para pesquisar o histórico de constituição do CM de 1969, 1979 e depois as diretrizes, tentar pegar o bloco inteiro, como se formou, quem participou... Menos aspectos pedagógicos da coisa, e talvez mais políticos, assim...

RC Sei..

EC Como as associações se envolveram, como era o poder da classe acadêmica, ou dos profissionais, esse era o escopo inicial. Aí na qualificação fechamos que ficaria apenas até o currículo de 1979, então eu perdi a parte das diretrizes, que talvez vá ficar para um doutorado, algum outro momento...

RC Então você ficou mesmo no CM...

EC Exatamente. De 1969 a gente conseguiu achar bastante coisa até, foi muito interessante. O melhor material que eu consegui, foi legal, porque foi com o MEC, eu consegui porque eu mandei um email para o CNE (hoje é CNE, né?)

RC É.

EC Mandei um e-mail para o CNE, e eles me enviaram um arquivo inteiro da discussão, né. Então foi legal perceber que partiu da ESDI, solicitando reconhecendo, o governo da Guanabara enviando.. Então por causa da mudança da legislação da LDB de 61 pra 68, que pôde então... Então deu pra reconstituir razoavelmente bem o processo. Agora estamos no momento de reconstituir como foi o processo de 79 e até 87, na publicação de fato da coisa. Nossa mudança de escopo de deixar as diretrizes para outro momento foi porque achamos que seria mais fácil esse processo de 79/87...

RC A documentação está mais recente, né.

EC Isso, e também porque achamos que teria menos eventos, mas não, teve muita coisa. Teve... O que a gente achou que tinha começado com o seminário de ensino de 78, na verdade começou em 76, com a Apdins discutindo o CM, então, achamos mais coisa para cá, e achamos mais coisa também para depois de 79, em 84, 85... com o Eduardo Barroso entrando na história.

RC Sei... Ele fez aqueles encontros lá no Sul...

EC Exatamente. Então teve... O material cresceu. O escopo desse período cresceu bastante, então a banca da qualificação achou que era melhor reduzir para focar mais. Aí, OK, eu pedi para falar com a senhora porque.. Pelo que eu vi no seu currículo, a senhora se formou em 1988?

RC É, 87/88. Que eu fiz duas habilitações.

EC Ah, entendi. Então, de alguma maneira, mesmo enquanto estudante ou recém formada, a senhora vivenciou talvez um pouquinho do que acontecia naquele momento, de como o currículo se implantou, ou na PUC, ou onde a senhora tenha trabalhado naquele período. E também quando... antes das diretrizes, eu queria também depois perguntar, como que entre o intervalo entre 87 e 97, quando saiu a nova Lei de Diretrizes, como que o CM ficou acontecendo nesse momento. Então, enfim... É sua vivência nesse período em relação ao CM.

RC Tá, é de 87 pra cá, né... Na verdade, quando eu estava me formando, a gente estava começando a ter um currículo... a mudança curricular, né. Ainda cursei o currículo antigo, o anterior. E teve essa mudança curricular, e aí a gente, é... Aqui na PUC, na parte vamos dizer assim, administrativa, a gente teve que fazer as famosas migrações dos alunos, etc e tal. Mas também, vamos dizer assim... Rever todos os planos de oferecimento das disciplinas, né, a alocação de novos professores, porque você tinha uma mudança, né, significativa. Então, eu entrei para da aula na PUC em 1988, tá? E entrei com, vamos dizer assim, com um currículo... Eu não to querendo falar mudança unilateral, mas foi um currículo “em implantação”. Um currículo que estava sendo, vamos dizer, a gente estava abandonando o paradigma antigo, o currículo anterior, e entrando nesse outro. O que que aconteceu. Aconteceu que esse currículo ele ficou muito tempo até as diretrizes. E o design nessa época, ele começou a mudar muito de feição, né. Por exemplo, você começa a ter alguns ensaios em relação a pesquisa, alguns eventos, então você tem por exemplo, alguns manifestos, como a Carta de Canasvieiras, e o design começa a, vamos dizer... entrar um pouquinho em processo de discussão, numa discussão que fugia, a gente até costumava ir nos congressos de design para discutir se o nome era DI ou design. Fugia um pouco disso. Aí se começava a discutir realmente “que design é esse que se praticava no Brasil”, que não estava mais tão ligado às suas raízes históricas, que nessa época nós já tínhamos vários cursos, não tinham só uma meia dúzia, então pipocavam cursos pelo Brasil todo... Começaram a aparecer os encontros regionais, que as universidades promoviam para poder discutir currículo, discutir qual que deveria ser a questão da mudança curricular, etc. E ao mesmo tempo, o currículo em si, a proposta curricular, ela foi começando a ficar defasada. Então muitas questões que já estavam bem presentes dentro da área do design, da comunicação visual e projeto de produto — porque na época era esse... aqui é comunicação visual, mas é programação visual no Brasil — já apresentavam tendências e vertentes que o CM não contemplava, e aí a gente, por exemplo, aqui na PUC, a gente resolvia parte desses problemas com a criação de eletivas, que davam conta desses outros conteúdos, né, que não estavam contemplados no CM, impossíveis de serem

agregados a qualquer outra disciplina.

EC Isso já na revisão... Pré...

RC Não, isso dos anos de 1988 até... não, até o evento das novas diretrizes curriculares, foi a realidade que a gente viveu. A cada ano se apresentava um conteúdo novo, se apresentava uma tecnologia, né, que vinha e que você tinha que começar a dar conta. Então, por exemplo, a PUC foi pioneira no ensino de computação gráfica, né? Isso foi antes de eu me formar, em 1986/7, né? Então, currículo nenhum estava contemplando isso. Então.. Tipografia, questões dela.. Tanto produto quanto comunicação visual. Então essas coisas todas foram sendo adaptadas por uma vigência de um currículo que era muito difícil de ser mudado, que não existia uma discussão efetiva para essa mudança, né? A discussão realmente era começou com fôlego com a vinculaçãocom a criação das comissões de especialistas pelo MEC, e com a vinculação do nosso curso à Ceeartes, que era Artes, Música, Dança... e Design, né. O design tem essa característica muito interessante, que agora na CAPES, por exemplo, a gente é da área de Arquitetura Urbanismo E Design, né? O Design nunca tem um lugarzinho dele, né? Mas enfim.

Bom, aí o que que aconteceu que essa comissão de especialistas promoveu. Uns foruns, né... quem estava representando a gente nessa comissão de especialistas era o prof. Gustavo Bomfim, né? E eu cheguei até a participar de um fórum em Salvador da Ceeartes, depois participei de uma avaliação... Mas as coisas eram muito difíceis nessa época, para você, vamos dizer assim... advogar uma mudança efetiva focada no design. Porque você estava dentro de uma área estrangeira, que apesar de toda interface que a gente tem com a arte, era uma área estrangeira, e muitas questões... E como era uma área majoritária, muitas questões que eram discutidas, eram discutidas primeiro para essas áreas, e depois a gente ficava como aquele rabinho alí que ia ser beneficiado de alguma forma. Então me lembro muito do Gustavo dizer assim: “Eu agora estou especialista em piano de cauda” (Risadas), porque a gente tinha que fazer avaliação de cursos novos, e quando vinha a avaliação, era distribuído para todo mundo, e você tinha que avaliar, por exemplo, a abertura de um curso de música, qual era a capacidade de instalar desse curso. Então tinha essas coisas todas, que de uma forma, a Ceeartes permitiu que a gente entrasse como área dentro da comissão de especialistas, mas por outro lado a gente ficou com esse problema. Até que a própria Ceeartes, né, reconhecendo a situação, e o próprio MEC evoluindo também com a ideia da comissão de especialistas, deu, vamos dizer assim... a gente conseguiu ter uma comissão de especialistas própria, que foi em 1997 pra 1998, a gente inaugurou uma comissão de especialistas, e aí a gente começou a discutir os problemas de design efetivamente, e fazer a preparação para as novas diretrizes, né? Que no início saíram gerais, né, você deve conhecernão sei se você conhece as portarias, mas era assim.

Teatro-dança-musica--nana... e design, e depois conseguimos que tivesse a específica de design, quer dizer, a independência finalmente, e caminhar com o curso de design e suas diretrizes.

Então, o que a gente tem nesse período, é um período que o currículo começou a funcionar, funcionava relativamente bem, mas... pelo tempo que ele ficou, pela inércia, e por todas as demoras porque o currículo anterior, ele também ficou sem ser reconhecido por anos a fio, dentro duma gaveta. Então era uma coisa meio amarrada. Muito amarrada. E o MEC, nessa época, eu me lembro bem que, em... janeiro de 1997, eu fui ao MEC, pra fazer... pela Ceeartes, para fazer uma avaliação de novos cursos. Isso nunca eu me esqueço. Tinha ANOS que o MEC não fazia avaliação para autorizar novos cursos. Então, eles contrataram um Hotel, e lotearam toda parte de salas e essas coisas, conferência, a gente tava até hospedados nesse mesmo. Eles colocaram nos corredores os processos...

EC Que coisa!

RC É porque na época você-a gente não tinha essa coisa de celular, de estar fotografando. Aquilo devia ter sido fotografado. Então era um correr de uma parede pilhas e pilhas de todas as áreas. E o nosso era junto com Artes e Música. Então era uma MONTANHA de processos. Mas é MUITO. Muito. E, por sorte, eles nos deram apenas os de design (que eram muitos) e a gente tinha uma comissão formada por Gustavo, Itiro Iida, o Flávio Cauduro, que é lá do sul, e por mim. Então nós trabalhamos uma semana ali, fazendo as análises do processo, que a gente tinha um instrumentozinho que fazia lá a contagem dos números de professores, para ajudar a análise do currículo que estava sendo proposto, da capacidade instalada, do corpo docente, tinha lá as contas que você tinha que fazer... E nós vimos coisas muito interessantes, que refletiam essa rigidez do CM. Por exemplo, a gente tinha várias instituições que eram (as federais não precisavam pedir, só as particulares e institutos de pesquisa), então várias instituições que o projeto era igual. Feito pela mesma firma.

EC Olha que interessante!

RC Eram firmas especializadas em montar currículo. Era assim, surreal. Até a capa era igual, eram uns pacotões grandes assim. Fiquei impressionada. Bibliografia idêntica. Currículo igual...

EC Mas que coisa!

RC Então você tinha muitas coisas que vinham, na verdade, a reboque de uma estrutura muito rígida, que era essa estrutura que dizia que você tinha que oferecer tais e tais conteúdos, distribuídos entre tantas e tantas disciplinas, quer dizer... Ele não deixava margem. A margem que a gente tinha era o número ínfimo de eletivas que o aluno podia optar, né, ao longo do curso, que a gente dizia que a gente ia refrescando o curso com essas

eletivas. Porque senão a gente ia ficar nesse processo de oferecer uma coisa muito engessada. Tanto que quando a gente mudou o currículo com as diretrizes, a nossa proposta pedagógica é completamente diferente de tudo, sabe. A gente... está fazendo uma segunda reforma, agora já é uma revisão curricular. Mas... Foi quase uma proposta pedagógica quase assim: “Ah, to livre!”, e contemplando bastante a inclusão do que está vindo todo dia, né, as novas tecnologias estão aí. Os novos entendimento do próprio campo do design, as extensões do design, a questão da interdisciplinaridade, das novas metodologias, né... Então essas coisas todas você ficava com uma estrutura muito engessada que você não podia fazer nada. Você andava em paralelo, você andava alí, mas sem nunca se encontrar, se encontrava no infinito, e esse infinito num chegava nunca, né... Então você num... num tinha como mudar. Num tinha como trazer novos ares. E o poder das eletivas era muito pequeno, porque era mínimo o que você tinha de eletiva, entendeu. Então.. assim, aqui na PUC a vivência foi essa, no currículo de 1988... foi um pouquinho, começou um pouquinho antes que começou a ser mexido para cá.

EC Então a mudança foi imediata, publicou em 87 as diretrizes, já pra 88 já...

RC A gente já mudou, porque ninguém aguentava mais, né... De 87 ninguém aguentava mais. Foi o currículo que eu me formei.

EC Que era aquele de 69 ainda, né... Que coisa.

RC E assim... a PUC sempre inovou. A PUC inovava assim, por exemplo... A PUC tem um trabalho grande em cima do design social, então desde 64 que tem. Mas era dentro do escopo das disciplinas de projeto, que estavam lá desenhadas para fazer parte do currículo. Então, quem conseguia quebrar um pouquinho o paradigma... Quem não conseguia, tava lá, fazendo projeto 1, projeto 2, projeto nanana... Entendeu. E tinha coisas também, por exemplo, eu me lembro que tinha “estética”. Aí, é... “Estética”, “estética”, “estética”, dada por um professor de filosofia que nem sabia o que era design, né. Então... “Física para artes”. “Matemática para artes”, era muito-louco-cara. Eram um surto! (Risadas) Entendeu? Era um surto! Você fazia aquele negócio... Se você tinha um pouco mais de maturidade, você: “Poh, to lendo Adorno, quem sabe...”... to nêem aí! “Proxemia”! Nessa época, “Proxemia” fazia parte. Sabe... era um negócio dado por uma antropóloga. Se começava a ter... e ao mesmo tempo, a área, principalmente a partir dos anos 80, estava carecendo demais de pesquisa, de congressos com mais peso, congressos da área mesmo que você discutisse as questões da área, né. E o primeiro deles foi em 1994, que foi o 1º PeD, que é assim, o congresso mais antigo do Brasil, e que está até hoje (inaudível). E junto com o PeD, no final de 1993, foi lançada a Estudos em Design, que também se mantém... a gente diz que é a publicação mais antiga de design do Brasil, e é mesmo. E da EeD para a próxima, a gente ficou 1 século, porque... teve que coincidir com o aumen-

to dos graduados em mestrado e doutorado, entendeu. Teve que coincidir com o, vamos dizer, com a consolidação da pesquisa em design, coisa que hoje em dia a gente já tem uma certa tranquilidade.

EC Entendi.

RC Foi um período bravo... nossa.

EC Que coisa, eu imagino. É... Em 1987, a PUC ela já absorveu a mudança curricular do novo CM, mas, assim, de ouvir comentários de pessoas sobre como foi o CM, o que aconteceu... se costuma ouvir muita reclamação de que ele já chegou defasado, foi uma coisa de 1979, aprovado em 1987.

RC Claro, porque demorou 1 século para ser aprovado...

EC E inclusive eu cheguei a ver alguns trabalhos um trabalho na verdade, dizendo que ele chegou tão defasado e as pessoas tanto não gostaram que ele mal foi absorvido.

RC A gente absorveu.

EC Outras escolas também? A senhora sabe se teve outras que reviram todo o CM?

RC Olha... Assim. Eu não sei, porque na época eu estava começando minha vida acadêmica, e as publicações eram poucas, né. Você não tinha, por exemplo, a internet para você visitar os sites das escolas e ver os currículos... Você não tinha. Pra você conseguir a informação, você tinha que ir in loco. Então você ficava sem saber. Eu sei que a gente aqui na PUC, até por causa da experiência acumulada nos anos anteriores, com o próprio design social, e com as dificuldades que a gente estava tendo, e porque aqui na PUC o design sempre teve uma tendência a ser encarado como uma área mesmo interdisciplinar, que isso não é só pelos trabalhos, mas pela própria natureza do campus, que a gente tem todos os departamentos aqui do lado tem economia, embaixo engenharia... Entendeu? Então a gente já tinha um modo de trabalhar um pouco diferente, que facilitou a hora que a gente foi implantar o currículo de 1988, já facilitou a gente a, vamos dizer assim, fazer alguns itinerários transversais, né? Por exemplo, fazer algumas experimentações em disciplinas, tentar que a gente conseguia que as disciplinas dialogassem entre si. Então, por exemplo, você tinha um aluno de primeiro período isso foi até um exemplo que a gente usou muito quando discutia currículo então esse aluno fazia disciplina de projeto. Na disciplina de projeto ele tinha que apresentar pranchas com os resultados, por exemplo. Aí o que que acontecia, acontecia que ele simultaneamente estava fazendo disciplinas de gráfica, que trabalhava essa questão de colocar informação sobre um suporte. Porque gráfica era gráfica, projeto era projeto, e ele não trazia daqui pra cá. Aí a gente começou a trabalhar essas inter-relações, né? Implantamos, por exemplo, durante uns quatro anos grandes exposições de TODAS as disciplinas teóricas e práticas, num grande espaço, que tinha alí no que chamava "Salão de Vidro", que era um espaço aberto, não

tinha cadeira. Então... os estandes, com todas as disciplinas, para você ter uma ideia do curso como um todo, então a gente foi fazendo algumas... mas a gente carregando o peso de um currículo defasado, que deu um respiro, porque o outro era pior ainda, mais defasado ainda, mas não era a coisa ideal.

EC Entendi.

RC Entendeu?

EC Entendi.

RC Agora a PUC adotou, eu sei que a partir de 88, eu já comecei a dar aula em agosto com o currículo novo, e fazendo as migrações que a gente precisou fazer dos alunos. Então acho que, durante 1 ano e pouco, a gente conviveu com as últimas disciplinas do currículo antigo, algumas nós fizemos correspondência poucas! Que é uma coisa interessante, porque... apesar de estar defasado, você não conseguia fazer correspondência. Então conseguimos fazer algumas correspondências, se eu não cursei essa daqui no anti-gão, eu posso cursar essa daqui que vai ter dois códigos para poder atender à questão curricular... Alguns alunos migraram que estavam muito no início migraram de currículo, passaram do currículo que estavam para o novo. Era uma administração, assim, aluno a aluno. Só que nessa época a gente tinha 300 e poucos alunos, era uma coisa bem palatável. Hoje em dia a gente tem 1000 e tantos, e ia ser impossível.

EC É, imagino!

RC Mas assim, era aluno a aluno, 1 a 1. A gente fazia o planejamento na mão, 1 a 1.

EC A sua convivência com o Gustavo Amarante Bomfim foi quando na Ceeartes, ou...

RC Não... Foi uma vida!

EC Porque, ele de fato, escreveu aquele mestrado dele sobre o CM, ele estava na comissão que apresentou pro 1º ENDI a proposta, e também, alguns dos levantamentos que eu fiz, mostrava que o... quando... tudo bem, a categoria enviou para o MEC a proposta do 1º ENDI. Aí ela ficou parada, e em algum momento o Eduardo Barroso ele interveio, e aí ela voltou a ser analisada por uma comissão que era composta pelo... deixa eu ver se lembro de cabeça os nomes: pelo próprio Eduardo Barroso, pelo Joaquim Redig, pelo Gui Bonsiepe, pelo Olício... pelo Peixe, e por mais alguém que eu não me recordo. E eles fizeram alguns comentários, e que aí voltou para uma nova comissão de especialistas, e que aí sim eram o Itiro, e o Gustavo. E os dois endossaram que os comentários que eles fizeram não precisava ser aplicado, e que podia pegar o CM de 1979 e botar pra frente. Eu não tenho ainda... não tive acesso ao palavreado exato, assim, para ver se eles só falaram “é melhor continuar do jeito que está para ver se anda”, ou se eles ainda achavam que estava adequado o que estava proposto de 1979...

RC Olha, eu vou falar uma coisa para você. Também não tive acesso ao palavreado, porque assim... Eu já conhecia o Gustavo, mas o meu relacionamento mais próximo começou em 1987... por aí. Mas não era assim... Nossa amizade começou em 1987 até a época que ele morreu. Mas na verdade era assim.. O que que é, eram momentos, assim, muito complicados. Por que? Se hoje você tem uma estrutura no CNE, uma estrutura que já passou por comissões de especialistas, você tem todo um, vamos dizer assim, um acompanhamento... uma coisa mais bem estruturada dentro do próprio MEC, vamos assim dizer, e já tem a nossa área reconhecida... efetivamente reconhecida como tal, né? Naquele tempo não... Isso era um apêndice, como eu comecei a te falar. Então... Eu, conhecendo o Gustavo como o conheci, eu e o Itiro que é uma pessoa extremamente prática eu creio que deve ter sido a melhor decisão no momento, e vou te dizer o porquê. Porque a área não era unida, como um todo. Existiam as correntes conflitantes, existiam... O Gustavo nessa época estava em Campina Grande (...em 1987 ele já estava em Recife). Não se chegava a acordo nenhum em congressos... Não se chegava. Brigava, brigava, brigava, discutia, discutia... Eu participei de vários assim... Se aborrecia, num-sei-o-que... no fim fazia uma carta, parecia que tinha sido tudo bem, e não avançava... E todo mundo ia embora e não acontecia NA-DA. Nada. Nada. E aí... assim, eu creio que foi talvez a melhor opção no momento, porque se voltasse... O que significava “não aprovar”. Eles não podiam Eles não podiam simplesmente dizer “aceitamos na integra, aceitamos pela metade”. Era voltar para área para discutir. Provavelmente ia ter que voltar para a área para discutir. Então, já que o anterior já tinha sido discutido, talvez tenha sido melhor ir embora com o anterior, né... Eu acho que pode ter sido uma coisa dessas. Eu vou lhe dizer porque que eu acho isso. Porque quando a gente começou a discutir as diretrizes, né, Itiro, Cauduro, Gustavo e eu, que a gente começou... A gente ia para o MEC praticamente todo mês, e a gente ouvia barbaridades... tá? Então... Quando a gente começou a realmente fazer o estudo, né, das diretrizes, e tentar adaptar para a área da gente, fazer as comparações com o CM, essas coisas, primeira providência da gente foi fazer Fórum para discutir. E no primeiro Fórum, quando acabou, a gente chegou à seguinte conclusão: ou a gente traz uma coisa estruturada... E vai recheando ao vivo e à cores, ou a gente vai ficar 10 anos discutindo a diretriz. Então a gente passou a fazer as coisas estruturadas, e chegou a determinado momento que nós tivemos que adotar aquele modelo que estava lá, porque a gente já estava sendo cobrado. Então, tem horas que você tem que tomar a decisão.

Outra coisa também que eu não sei é a seguinte: já que a coisa voltou à baila, e tinha que ser aprovada, se não existia uma certa preemência de aprovação. Porque nós fomos até o último furo do cinto, e a gente não fizesse lá naquele momento a gente estava ferrado... nas diretrizes. Então eu to fazendo por comparação com as diretrizes. Eu acho que se a

gente num... Se eles não tivessem... sabe, “vamos pegar esse daqui que talvez daqui pra frente a gente consiga mexer com mais facilidade”, porque foram anos parado! Anos! Entendeu? E anos... era uma dificuldade, as discussões na área eram muito difíceis... muito difíceis.

Nós fizemos a... é... esqueci o nome... Tinha outro fórum que não era da comissão de especialistas... tinha lá no livro. Era o Fórum de encontro das escolas. Nooossa...

EC Teve uns 3 ou 4 deles, né?

RC É.. Nooossa... Era difícil... Teve em Curitiba, teve aqui na Faculdade da Cidade quando ela ainda existia... Teve em Recife... E num se chegava num acordo, se brigava muito, e ficava aquele troço no ar... Aí no fim, uma meia dúzia sentava para conseguir redigir um documento que fechasse mais ou menos as ideias centrais, mas metade saía insatisfeita... Como toda área, isso não é só da área de design, e a gente ainda tem essas coisas ainda hoje. Só que tem um detalhe: a gente... tava num momento muito de consolidação da própria área do design. Para você ter ideia, a gente está falando do terceiro currículo, agora a gente está no quarto! Porque você tem o inicial da Esdi, depois você tem aquele primeiro...

EC ...de 1969...

RC ...de 1969, depois tem o de 1988, e depois você tem as diretrizes... Uma área que está no quarto currículo. Na quarta diretriz nacional, vamos chamar assim... Com nome de currículo mínimo e depois diretrizes... A quarta diretriz nacional que norteia... né. E a gente só não tá com outro currículo, porque mudou a filosofia de currículo do MEC, que entraram as diretrizes, que morreu o currículo mínimo. Porque senão nós estaríamos no quinto currículo mínimo. Porque a... você falou no início da sua entrevista, é uma questão mais política do que de dados e fatos. É uma questão política que está por detrás. Então, por exemplo, as diretrizes curriculares são interessantes? O futuro vai dizer.

EC Eu ia até comentar depois com a senhora... não sei, uma experiência minha. Eu fiz design lá no curso da FAU, naquele curso de 2006. Eu fui da primeira turma e tal, e agora a gente completou 10 anos de curso, e aí eu por minha conta fui fazer um levantamento de como as pessoas estavam achando, eu mandei um questionarinho para todos alunos formados... 5 anos, 5 vezes 40, mandei para uns 200 alunos. Consegui resposta de 100. Então OK, foi razoável. E quando eu saí, eu lembro que a gente tinha muita muita reclamação, acho que todo aluno tem...

RC E ainda implantando...

EC É, a gente tinha muita reclamação que a gente não tinha aprendido conteúdo, que a gente queria ter tido conteúdo e tal... Mas o interessante é que, nesse questionário que eu fiz, quando eu pego os alunos da minha turma, que eles já tinham 5 anos de vivência de mercado, eles já estavam felizes com o curso, porque de fato eles conseguiram a competência... A competência foi adquirida. Eles não sabiam... Eles podiam não sair

fazendo tipografia bem...

RC Com conteúdo, assim...

EC A gente na faculdade, a gente sai com a intenção de conteúdo, e não vê a competência adquirida. Isso é muito interessante. Então.. deu certo? De alguma maneira...

RC Não, com certeza, um dos objetivos dessa mudança é você, por conta das grandes mudanças da contemporaneidade, você dá ao aluno a competência de aprender...

EC Pois é... É esse o negócio...

RC De buscar o conhecimento onde ele está, de aprender a aprender... Então... Eu acho que a gente também está conseguindo isso... Apesar de critica, apesar de agora a gente estar revendo algumas coisas... A gente não está na verdade mudando o currículo, a gente está ajustando... vamos dizer assim, aparando algumas arestas, mudando algumas disciplinas de lugar, fazendo uma reforminha... que tem que ir pro MEC, porque é maior do que simplesmente acrescentar ou tirar uma disciplina.

EC Isso dentro da PUC agora, né.

RC É.

EC Legal, o da FAU também está em discussão, vai sair alguma coisa nova.

RC Inclusive para aproveitar que você pode mudar... As diretrizes elas são... se você souber aproveitar, elas lhe dão a faca e o queijo na mão, elas são muito abertas, elas dão muita autonomia ao curso, né. Então... Agora, tem gente que continua no mesmo nhamenham. Teve muita gente... Aliás, você me fez uma pergunta... Eu não sei sobre o de 88, mas sei sobre as diretrizes. Muita gente que criou curso novo com o mesmo modelo de 88.

EC Ah, que curioso... Isso por falta de informação, discordância...?

RC Não, porque... Zona de conforto. Já tinha uma coisa que funcionava... Quer dizer, o currículo já tinha sido provado, entendeu... Dava lá aquela formação, né... Representação, conteúdos gerais de formação geral, conteúdos de formação específica. Já tava tudo arrumadinho, não era um pacotinho todo arrumado? Entendeu?

EC Interessante...

RC Esse currículo de 88 tinha coisas bárbaras, como na área de representação... Nossa! Nas matemáticas, era tudo um horror! Tinha curso que ia pelas discritivas, quer dizer, você tinha curso que largava tudo isso pra lá, e ia só pelos desenhos artísticos, quer dizer, uma loucura! Era interpretação, porque na verdade, você tinha o nome da disciplina, você tinha uma explicação de qual área... disciplina não, da área... dos conteúdos básicos que você tinha que seguir. E aí você transformava aquilo em matéria. Tinha gente que ia “Matemática 1, Matemática 2, Matemática 3...” (Risadas). Tinha gente que dava outros nomes... “Desenho 1, Desenho 2, Desenho 3”, entendeu... Não sei... Em maté-

rias de representação mesmo não to falando de desenho, mas de todo um desenvolvimento de linguagem visual e de representação eu acho que meu currículo foi muito fraco. Tinha uma parte de fundamentação muito boa, excelente. Das histórias, da própria filosofia... Tinha uma parte de fundamentação muito boa. Tinha uma parte de projeto enorme, como espinha dorsal isso é uma coisa que a PUC mantém. Muitos cursos mantêm como espinha dorsal, apesar de não ser obrigatória. Foi um modelo que ficou, projeto como espinha dorsal. E as disciplinas.. Eu ainda considero que a parte de representação era muito falha... Muito falha... Aí...

EC Interessante... É... Eu, assim... Uma ideia que o professor Marcos e eu criamos sobre as motivações do CM de 1979, é algo que a gente ainda está tentando testar e averiguar se faz sentido ou não, é que ele tinha um papel muito importante como par dos documentos de regulamentação da profissão. Porque, de alguma maneira, o que a gente entendeu, é que ter uma... O CM era muito técnico, o de 79 era muito técnico. Então “tecnificar” o design, de alguma maneira, restringia ainda mais o campo quem poderia atuar num negócio desse jeito. A senhora acha que faz sentido?

RC Eu acho que faz sentido. Porque, você veja bem. O “berço” do currículo no Brasil é o que a gente conhece. E aí você tem que pegar o momento histórico. O momento da industrialização, que você precisa país precisava de técnicos. Isso não há a menor dúvida, o Brasil precisava disso. E aí o que que você tem, você tem um... vamos dizer assim, você vai andar fora do trilho? Você apresenta propostas que possam ser entendidas, que sejam condizentes com aquele momento, com pessoas que estão pensando e que vão eventualmente fazer aquela análise. Então, o que que acontece, ele tem sim, né, mas você... Se você parar um pouquinho isso é uma coisa minha, eu que penso assim: o próprio nome ele já jogava você dentro disso... Porque era “Desenho Industrial”, era desenho pra indústria. O que a gente tá vendo hoje, design de tudo, design de num-sei. Isso nem se pensava que isso pudesse existir. Você tinha aquele design... que, apesar de ter os berços que tem, ele não tinha muita coisa de arte, ele era um design industrial, era um design de produto. Então é lógico que ele ia ter essa conotação. A comunicação visual entra depois, né? Até por própria exigência do... e entra institucionalizada, porque se você lê o Rafael, você vai ver que comunicação visual existia desde que o mundo é mundo... aqui e fora daqui... Então... Eu acho que ele nasceu condizente com o contexto, e o contexto para aprovação, para o reconhecimento como profissão, queria isso. Então não ia se diferente, entendeu? Coisa que a gente nunca conseguiu. É ser aprovado. Tanto que a gente queria ser o que... fazer parte de onde? Do CREA.

EC Verdade.

RC O que é o CREA? Engenharia e arquitetura... saiu arquitetura, entrou agronomia. Agronomia?

EC Acho que é.

RC A gente queria ser CREA. E o CREA dizia: “Não, a gente não quer vocês” (Risadas), nunca quis. Quando foi na época da comissão de especialistas, Ceeartes foi a única área que aceitou a gente. Nenhuma outra área quis, pra você ter ideia... Que são caminhos que o design vem trilhando, que, graças a deus, deram no que a gente tá tendo hoje, você tem uma área aberta. Entendeu... Se você pegar os temas das dissertações e teses, essas coisas... Onde é que se formavam nossos professores? Engenharia de Produção!

EC Verdade, na Coppe...

RC Engenharia de produção... O Gustavo fez um trabalho sobre currículo na Engenharia de produção, que aliás foi uma área muito aberta em relação aos temas que entravam lá: criatividade... Imagine, para os engenheiros deve ter sido muito louco, né... Mas repare: na pós-graduação da gente era engenharia. Se você olhasse as pessoas, pioneiros de pesquisa em design no Brasil, primeiras pessoas com doutorado, difícil... a não ser que tenham saído do país, era engenharia... Então a gente era isso mesmo que você tá falando, então não ia ser diferente essa visão, é... dos outros, que os outros tinham da gente, entendeu?

EC Outra coisa também, que a gente... Isso não sabemos muito bem como encontrar... Mas as discussões dessa revisão do CM começaram mais ou menos em 77, alguma coisa desse tipo, que foi também quando os arquitetos estavam revendo o CM deles, e que o professor da FAU, Katinsky e mais algum outro, tentou botar Desenho Industrial como parte do CM do... de arquitetura. Esse parece que é outro indício para a gente que era o Design tentando fazer a reserva de mercado dele via regulamentação e via currículo. Mas enfim...

RC O Design sempre tentou fazer a reserva de mercado dele... Sempre tentou. É... Por exemplo, a Valéria vai poder falar bastante com você, acho que o Joaquim também, dessas idas e vindas, dessas discussões em torno da regulamentação da profissão.

EC Eles eram da Apdins, né...

RC É, porque era uma batalha ferrenha para você poder regulamentar, porque existia uma crença de que a profissão não regulamentada ela era um... era uma profissão menor, porque você tinha que ter... Quem é que mandava. Mandava o CREA, que ainda tem força enorme até hoje, tá? O negócio de... o conselho de Medicina, não é isso? Enfermagem tem um conselho, quer dizer... você vê essas áreas mais..., né, todas tem conselho. Então a gente não ter conselho era uma... sabe, era uma... uma área menor. Então era aquela vontade de ascender como área, de se consolidar como área, então qual era o caminho, era você regulamentar a profissão, porque se não regulamentar essa profissão a

gente não ia nunca ser nada. E não é isso, que hoje em dia essa história caiu, está pouco se lixando. Então você tem conselho de psicologia e... mas num... então foi uma batalha que morreu, eu acho que morreu. De vez em quando o Freddy Van Camp estava correndo atrás de alguma coisa como essa, mas também... não é porque ia regulamentar a gente como desenho técnico... é surreal.

EC Parece que está voltando uma nova onda de regulamentação, começou esse ano...

RC Rapaz, vai e volta. Assim, muda um pouco a geração... Porque ninguém da nossa geração acho que está interessado nisso. Agora muda a geração, é “Vamo regulamentar a profissão!”, que é um negócio que não tá fazendo diferença pra ninguém... Acho eu!, né, pode ser ignorância, vamos ver o que a Valéria vai te dizer.

EC É, vamos ver, vai ser interessante. Ela era diretora da Apdins naquele momento...

RC É, era uma pessoa muito atuante...!

EC Legal, vai ser muito interessante a conversa com ela. É... E... Essa é a última pergunta, já acabando... A senhora sabe de alguma tentativa, antes de começar o processo pras diretrizes, se entre 87 e 97, houve algum movimento ou algum grupo, ou alguém que quis rever o CM novamente?

RC Assim, mudar o CM de design...

EC É, atualizar, junto do MEC, né...

RC É, essa discussão não começou em 1997. Essa discussão veio se estendendo, a própria criação da comissão de especialistas, ela já foi é... uma, vamos assim, uma preparação pra que essa discussão ocorresse.

EC Quando foi que se constituiu a comissão de especialistas?

RC Hmm... Você tem o meu livro?

EC Tenho sim!

RC Mas eu acho que foi em 90.. peraí... 94/95...

EC Ah, foi antes da nova LDB.

RC Não, foi logo que foi promulgada a nova LDB. 1994/95, alguma coisa assim. Foi junto. Que o MEC aí resolveu criar as comissões de especialistas para poder trabalhar as novas diretrizes. Mas antes você já tinha movimentos de discussão com esses foruns que eu to te falando. Forum de ensino de design. Nossa, forum de ensino de design foi um monte.

EC O próprio Fórum que gerou a carta de Canasvieias..

RC Tudo isso já tinha essa discussão, porque todo mundo já sabia que o currículo ficou engavetado um século, entendeu? Então já existia um, vou chamar assim, uma cons-

ciência da defasagem. Tá? Uma consciência da defasagem. Agora, eu vou confessar para você: que eu ouvi falar nas novas diretrizes, lógico... foi a partir mesmo da nova Ceeartes, porque, até então, era aquela instabilidade reinante, uma vontade de mudar, mas... é isso que eu to te falando, uma coisa... que escorria pelos dedos da gente, que não conseguia pegar. E as diretrizes não, com a comissão de especialistas e a nova LDB, o que que aconteceu, você... disse: “bom, agora tem seu instrumento legal, que vai me fazer trazer uma nova proposta”. Porque você já de convir o seguinte: a mudança de currículo, ela foi um movimento da nossa área. Não foi um movimento nacional... Sem ser a diretriz. A mudança do currículo de 88, que tinha já 10 anos na gaveta, né, mais ou menos, o currículo que se implantou, o que que aconteceu? Era uma mudança que a área tava pedindo, mas não era uma diretriz nacional, como as diretrizes curriculares.. Tá certo?

EC Entendi.

RC As diretrizes curriculares promoveram uma mudança de todos os cursos. Todos. Sem exceção, entendeu? Sem exceção. Você quer ver uma coisa? A mudança do nome do curso, foi uma discussão lá no Fórum em Recife, porque era pra desenho industrial, veio até o fórum de Recife, que foi em 1998...? Foi em 1998... O último fórum, pra mudar pra design, pra chegar num acordo pra mudar pra design.

EC Apesar da carta de Canasvieiras já em 88 já ter... Olha só... 10 anos pra...

RC Mas aí foi sacramentado no MEC o nome da área. Então você vê que... andava, mas não andava... Mas eu acho, sabe uma coisa que eu acho, é que como a gente não tinha esses fóruns mais consolidados, os encontros ficavam muito à mercê de grupos que estavam interessados efetivamente em... E você fazer um encontro de grande vulto que reunisse designers do Brasil todo para você discutir... é um negócio complicado, né? É um negócio muito complicado, então você precisava de ter uma pessoa que tivesse vontade, ou um grupo de professores numa determinada instituição, que quisesse... que a instituição acreditasse naquilo... Os financiamentos, não tinham linhas de financiamento igual você tem hoje para eventos. Tanto que você vê, por exemplo, eu me lembro que, aqui no Rio a gente teve a semana carioca de design, deve umas duas ou três edições, vindo de estudantes, tá? São Paulo deve ter tido uns outros tantos, não sei. Nós tivemos o nascimento do NDesign... Que o NDesign hoje em dia... se ele entrar no CNPq com pedido de patrocínio, ele recebe... Por causa da história! Mas como era o NDesign no início? Era uma meia dúzia de interessados que se esfalfava ali para poder conseguir fazer esse grande encontro de discussão, entendeu? Então você vê que as coisas ainda eram muito capengas nessa época, né? Meu primeiro congresso internacional, que eu fui, foi em 88 em Cuba... Que aliás foi um evento maravilhoso... que foi Valéria...

EC Era o da ALADI?

RC Isso... Era um avião de designers... Era um avião de designers, e outro pedaço do avião era uma discussão de vitiligo (Risadas). Era um avião fretado da Vasp, nunca me esqueci, tinha que fazer duas escalas porque não tinha autonomia de vôo, pra você ter uma ideia...! E aí tinha um amigo nosso de BH, o Romeo, não sei se já ouviu falar... O Romeo disse: “Gente, se esse avião caiu, morrem os designers do Brasil todo...!” (Risadas).

EC Que coisa...!

RC Pra você ver, nós saímos daqui pra um congresso em Cuba! Imagine! Olha só que coisa... A gente não tinha quase nada aqui...

EC Sobre essa estrutura do... enfim... o PeD se consolidou como um fórum agora uma pergunta fora do assunto. Ele se consolidou como um fórum de classe, mas assim... Eu acho que já vou fazer umas 5 edições. Ou 4. A primeira que eu fui foi na Anhembi, acho que foi 2008? Acho que isso... Que foi inclusive o último que teve reunião da AENDI...

RC A AENDI tá meio parada...

EC E a impressão que eu tenho é que, de fato, é um fórum de apresentação científica, etc e tal, mas não como os encontros eram, que se tentava, por exemplo... o próprio 1º ENDI, que tirou uma proposta de carta de regulamentação, e alguma coisa sobre o... currículo. Não sei se enquanto a AENDI ainda estava vinculada ao PeD, se tinha fórum no sentido de ter diretrizes pro curso da profissão pros próximos anos, ou pro ensino... mas hoje eu não sinto mais isso...

RC Hoje não tem mais não. Mas, assim... Dentro dos fóruns da AENDI, essas questões relacionadas à própria área, elas eram muito fortes, muito presentes. A AEND, no PeD quem era o presidente da AEND era o Alvaro Guilherme, de São Paulo. Então você tinha uma posição política muito clara... muito presente. Não era simplesmente um congresso, entendeu? Como ele hoje em dia, até é simplesmente um congresso grande, mas assim... Agora é um congresso científico, tá? Que não tem uma conotação política, uma conotação de associação, pouco diferente, por exemplo do do SBDI.

de, mas assim... Agora é um congresso científico, tá? Que não tem uma conotação política, uma conotação de associação, pouco diferente, por exemplo do do SBDI.

EC Hm! Certo!

RC Eu sou da SBDI, então sempre tem assembléia e tal, muda a diretoria...

EC É verdade!

RC O PeD, ele enquanto esteve vinculado à AEND, desde o início até certo momento, ele teve essa... essa... esse papel. Tá? Agora, depois que saiu a AEND... E aí essas questões vinham. Muitos dos outros fóruns nasciam por sugestão de dentro do PeD, entendeu... Fazer outras reuniões, então... Você tinha uma participação mais política da classe de designers dentro do próprio PeD. Eu não sei nem como que está a AEND.

•• *Os currículos mínimos de desenho industrial de 1969 e 1986*

**EC** Ah, no PeD que teve no Rio Grande do Sul, deu a encrenquinha lá...

**RC** Eu sei! É... Eu nem sei como é que tá... Porque tem uma situação aí não resolvida que é muito difícil... Muito difícil isso daí... Porque é o Brasil todo, e a gente não é só administradores, a gente é professores, e se você deixa passar... é complicado. Eu sei porque tenho aqui sentada aqui a Estudos em Design, e se não fosse minha editora executiva, eu tava ferrada...!